Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte Diário Catarinense (SC)
Data 5/1/1997 Pg
Class.

UX JORNAL
DIÁRIO CATARINENSE
FLORIANÓPOLIS - SC
PUBLICADO EM:
* 5 JAN 1997

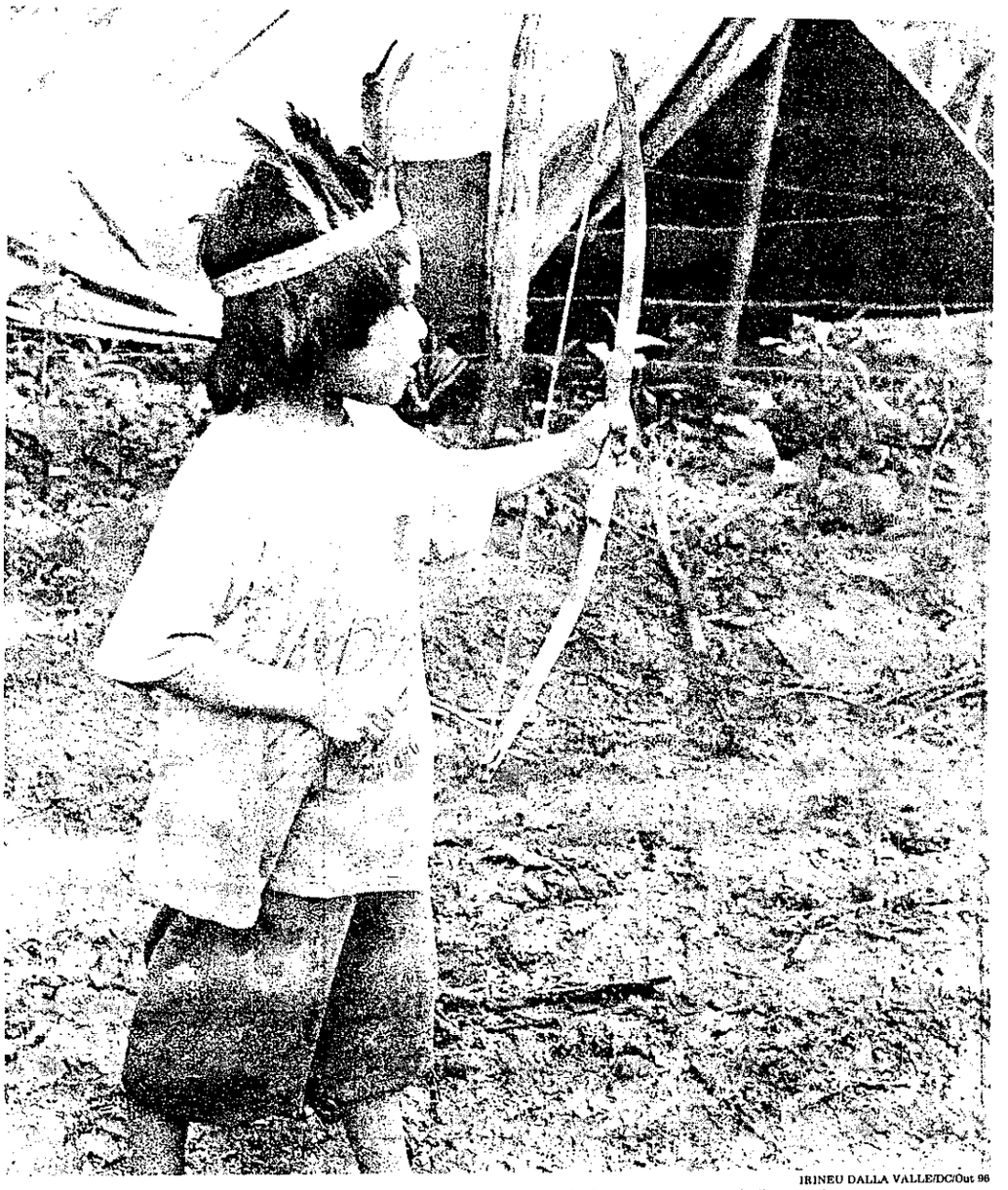
Funai garante acerto com colonos

Paulo Édson Paim
CHAPECÓ

O impasse entre colonos e índios do Toldo do Pinhal, em Seara, vai diminuindo com o passar do tempo. Pelo menos levando-se em conta que alguns passos das negociações para um final pacífico têm sido dados nos últimos dias por Incra e Funai, órgãos responsáveis pela resolução do problema fundiário. O que ainda impede a conclusão das negociações é que alguns proprietários das terras do Toldo não chegam a um entendimento com a Funai em relação ao valor das indenizações pelas benfeitorias. Outro problema é que alguns dos agricultores, mesmo já estando acertados com a Funai, não aceitam as terras de Abelardo Luz, postas à disposição pelo Incra. Mas tanto o administrador regional da Funai, Ademir Migliavaca, quanto o executor do Incra, Euclides Basso, têm sido incansáveis na busca de uma solução definitiva em relação às terras ocupadas há décadas por agricultores, mas reconhecidas por lei em 1994 com área indígena.

A Funai já indenizou 22 dos 38 proprietários dos 894 hectares do Toldo. Segundo o órgão indígena, 400 hectares já estariam liberados por parte da Funai para os kaingangues, isto ainda dependendo da saída dos colonos do imóvel. Dos R$ 952 mil recebidos do governo para o pagamento das benfeitorias, a Funai já utilizou R$ 450 mil. O restante terá de ser apropriado - definido para ser utilizado imediatamente - até nesta segunda-feira. Desde o dia 31 a Funai definiu as bases para pagar os demais proprietários, evitando que a verba retornasse para os cofres da União. "O empenho do dinheiro já foi feito e agora não temos mais negociação", explica Migliavaca, que no final do ano passado ficou em poder dos kaingangues por quatro dias. "O valor está definido", resume. "É vir e acertar", diz ao apostar em novos acordos até segunda-feira.

As duas famílias que ficaram mais de um mês acampadas em frente ao Incra já estão em Abelardo Luz. O executor Euclides Basso tenta achar uma explicação para o fato de nenhuma outra família ter lhe procurado nos últimos dias para residir no imóvel de Abelardo Luz. "Deve ser por causa do final do ano", calcula Basso. "O que importa é que estou aqui de plantão para acertar com os agricultores." Na última semana, o Incra fechou acordo com a proprietária da Fazenda Indianópolis para que todos os colonos do Toldo possam se fixar no imóvel de 1.796 hectares. "Terra tem, quem quer vem", sintetiza Basso.



IRINEU DALLA VALLE/DC/Out 96

RECONHECIMENTO: Incra e Funai buscam uma solução definitiva para desfazer conflito entre índios e colonos

Revista britânica discute reforma agrária no Brasil

SÃO PAULO

Será que a distribuição de lotes para os sem-terra pode ser feita sem que o Brasil perca sua alta produtividade de alimentos, que só no ano passado gerou uma colheita de 73 milhões de toneladas? Esta a pergunta que a revista britânica New Scientist tentou responder no seu último número, num longo artigo, mais um dos muitos que estão sendo publicados no Exterior sobre a tentativa brasileira de fazer uma reforma agrária eficiente.

Apesar do título do artigo, "Transformando arados em espadas", a publicação é francamente favorável aos sem-terra, apresentados como vítimas de um sistema que permite aos grandes fazendeiros especularem com a terra para se defender da inflação, e que dificulta ao máximo a concessão de créditos para os pequenos agricultores. O texto lembra, porém, que "muitas famílias receberam terras apenas para vendê-las mais tarde porque não têm capacidade de competir economicamente", num mundo em que a tecnologia é essencial para uma agricultura que produza a preços competitivos.

O redator da revista britânica que ouviu tanto os fazendeiros como as lideranças dos sem-terra e até os porta-vozes das ONGs que pesquisam a distribuição de terra, conta que muitos brasileiros dizem que o país é uma "Belíndia, com áreas com o nível de vida da Bélgica e outras da Índia", e explica que apesar de ter parte da população vivendo de forma miserável, o Brasil se tornou um grande produtor e exportador de café, laranja, açúcar, banana e soja.

A revista diz que algumas estimativas indicam que haveria 15 milhões de sem-terra no Brasil - cerca de 10% da população - e cita o levantamento do Incra, segundo o qual só 28,3% das propriedades rurais são produtivas.

SEM DINHEIRO - As lideranças dos sem-terra entrevistadas pela New Scientist são contra a produção de soja e produtos exportáveis, e disseram que as prateleiras cheias dos supermercados só estão abarrotadas porque a população não tem dinheiro para comprar os alimentos e que, se houvesse uma melhor distribuição de renda, ficaria claro ser um mito que o Brasil produz alimento suficiente para sua população. A prova, segundo João Stedile, do MST, "é que em 1994, quando um plano econômico melhorou temporariamente o poder aquisitivo do brasileiro, tivemos que importar manteiga da Bélgica e cinco milhões de cocos das Filipinas".

Ainda segundo as declarações dos líderes do MST, transcritas pela revista, não seria verdade que os assentados produzem a preços não competitivos, tanto que 55 cooperativas de produção estariam tendo muito sucesso. A revista inglesa cita ainda os relatórios da FAO, segundo os quais em vários países as pequenas propriedades se revelaram mais produtivas que os grandes latifúndios. (AE)